

UM OLHAR OUTRO

Interrompido o resumo que vinha fazendo acerca dos temas do livro **Falso Testimonio**, de Romney Clark, é altura de o retomar, agora que passaram as festas natalícias e se terminou o período eleitoral das presidenciais. E, como prometido, vou retomar o assunto (faltam apenas 3 capítulos) dando a conhecer a resposta enviada ao *Jornal de Barcelos*:

Ex.mo Senhor
Director do Jornal de Barcelos

Na vossa edição de 11 de Novembro fui eu inserido na coluna *Sobe & Desce*, da autoria do vosso colaborador Luís Manuel Cunha (LMC), acusando-me de desonestidade intelectual a propósito dos escritos sobre a Inquisição espanhola, publicados no boletim paroquial *Construir*.

Não estranhando a classificação que me atribui – estamos, de facto, em campos bem opostos – julgava, no entanto, que as posições, condenatórias quase sempre, mereceriam da parte do autor maior cuidado e melhor fundamentação. É isso que esperam os leitores, particularmente aqueles sobre os quais alguém se pronuncia, sobretudo se discordando. Com efeito, LMC sabe, se é que leu os escritos anteriores, que eu me propus um comentário-resumo de um livro do historiador Rodney Stark, com o título *Falso Testimonio – Desmontando siglos de história anticatólica*, publicado em 2016 nos Estados Unidos e em 2017 em Espanha.

Não me propus falar da Inquisição em Portugal, nem mesmo da Inquisição em Espanha. Quis dar a conhecer um livro e uma interpretação diferente daquela que é habitualmente transmitida. E fi-lo precisamente como contributo a uma reflexão crítica, fundamentada, livre e libertadora. O contrário de seguidismo ou de «fornecer palha», como o articulista afirma. Sempre considerei que a verdade é libertadora e tudo devemos fazer para que ela se imponha sobre o erro, mesmo que este tenha sido cristalizado como verdade ao longo de séculos.

Foi precisamente o que admirei em Stark: é preciso ter muita coragem para indagar séculos de história e ousar afirmar, como ele o faz, que as coisas «não foram bem assim como se contam». Não sendo eu historiador, citei um sociólogo das religiões, académico de renome e historiador que investigou os factos, citou os documentos, confrontou-os com outros e escreveu várias obras, que foram premiadas. Podemos ler na Wikipédia sobre o livro em questão: «argumentou que um preconceito anticatólico envenenou o debate histórico sobre as Cruzadas, a Inquisição e as relações do Papa Pio XII com o nazismo, criando uma "história anticatólica" que está em desacordo com a pesquisa académica contemporânea, mas ainda é ensinado nas escolas e promovido pela grande mídia».

Devolvo, por isso, ao autor a acusação de desonestidade intelectual: comentei um livro que interpreta, de modo diferente porventura, a Inquisição espanhola. Contestou-me com factos da Inquisição portuguesa. Não branqueei a Inquisição, muito menos neguei atrocidades cometidas, que sempre nos envergonharão a todos. Haja a honestidade de não condenarmos as do passado e branquearmos as do presente: é o que se nos pede a todos como cidadãos responsáveis.

Como informação, para aqueles leitores que queiram aceder aos escritos que geraram a apreciação de LMC, aconselho o sítio na internet *paroquiadebarcelos.org*. Ai poderão ler os que já foram publicados sobre o antissemitismo, os evangelhos apócrifos, os pagãos tolerantes, a Idade Média como idade das trevas e as cruzadas. Há ainda outros a publicar sobre as heresias científicas, a escravatura, o autoritarismo e a modernidade protestante.

Por último, reconheço que é a partir da ousadia de alguns, gente honesta e crítica, com amor à verdade, que a ciência avança e a verdade se impõe sobre inquisidores que permanecem ao longo dos tempos. Não com seguidistas agarrados ao passado, que tremem sempre que as suas convicções são abaladas. É com tal gente ousada, qual pequeno resto de Israel, que se renovam as sociedades, libertando-as do «politicamente correto».

Barcelos, 16 de novembro de 2020

P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 400 ex.



JESUÍTAS DISPONIBILIZAM SERVIÇO DE ESCUTA

A Companhia de Jesus acaba de lançar um serviço gratuito de escuta destinado a pessoas que se sintam «sozinhas, desorientadas, desanimadas e a precisar de ser ouvidas», neste período de confinamento que poderá estar a causar mais sofrimento, solidão e angústia. Em funcionamento desde segunda-feira, o "Ponto de Escuta" é assegurado por um grupo de voluntários, através de contacto telefónico, e garante total confidencialidade. De acordo com os promotores, este serviço é pontual, estará em funcionamento apenas neste tempo de pandemia, e surge na sequência do trabalho desenvolvido pelo Sistema de Proteção e Cuidado da Província. Os interessados em aceder a esta ajuda terão apenas que enviar o seu pedido através de um formulário, disponível no portal dos Jesuítas, Ponto SJ. Posteriormente é contactado «o mais depressa possível». Os promotores esclarecem que o "Ponto de Escuta" «não é um serviço de aconselhamento nem de acompanhamento espiritual (embora esta vertente também possa ser abordada), relacional, psicológico ou social, clínico, jurídico. É um serviço aberto a «qualquer pessoa que deseje conversar um pouco», que queira «desabafar», neste período difícil em que «somos convidados a estar atentos» aos mais vulneráveis.



Ano XVII - Nº 5 - 31 de Janeiro de 2021

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt
Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Novidade, total e perene, a de Jesus

Começo por um acto de penitência pessoal e comunitário. Antes de mais, pessoal: porque tantas vezes lido e escutado, o evangelho de Jesus perdeu o sabor da novidade. Comunitário, porque a Igreja que somos é percebida como «conservadora» e até contrária ao progresso. Mesmo que, em boas verdades, só cada um se pode e deve penitenciar pela sua própria postura diante do evangelho e as percepções da sociedade quanto à missão da Igreja e da sua fidelidade a Jesus sejam sempre discutíveis. E isto acontece ao situar-me diante do evangelho de Jesus deste domínio IV do Tempo Comum (Mc. 1, 21-28): o ensino de Jesus é totalmente novo, com autoridade única, para as multidões que procuram, em Cafarnaum, mesmo as que conheciam os anúncios proféticos acerca da missão do Messias: «As pessoas de Cafarnaum sabiam bem o que eram os exorcismos, e como se faziam os exorcismos. Estavam muito em voga naquele tempo. Eram longos, estranhos, complicados, cheios de fórmulas mágicas e ritos esotéricos. Mas Jesus diz uma palavra criadora: 'Cala-te e sai desse homem', e tudo fica de imediato resolvido!» D. António Couto.

No programa de Jesus para toda a sua missão ao longo de cerca de três anos, está como acto central este «fazer novo», como nova criação, de modo que o tempo passou a ter um «antes» e um «depois» de Jesus. E nós somos este «depois», esta Humanidade nova, recriada, redimida, sempre necessitada da sua acção que «exorcisa demónios», sempre prontos a escravizar a vida, a diminuí-la, a torná-la submissa, quando fomos criados para a Liberdade de filhos de Deus.

Perdendo Deus do horizonte humano, tentação de todos os dias, bem visível na sociedade de hoje, voltamos ao que é «velho» ao «natural», fechando-nos ao «sobrenatural» e aos novos horizontes para onde nos atira, inquestionavelmente, o coração insatisfeito. Grande pecado o da cultura actual: negar o horizonte sobrenatural de cada pessoa, empurrando-a para a «cerca» da lógica racional, traduzida no relativismo ético (Papa Bento XVI), na cultura de morte (Papas João Paulo II e Francisco) ou na satisfação imediata de necessidades apenas de ordem material a divertir-nos (e não unir-nos) e desviar-nos do nosso ser mais profundo. Como outrora o povo de Israel, também nós hoje preferimos a barriga cheia, esquecendo-nos de Deus e da sua Palavra. «Vê-se que é urgente libertar o coração, as mãos, a boca. Vive-se da Palavra. Morre-se da náusea» (D. António Couto).

Como recuperar o sabor da novidade, de que me penitenciava acima?

Procuo para mim a resposta na Palavra de Deus, que a Igreja me oferece hoje:

-rever a minha fidelidade a Jesus, fiel ao Pai e cuidá-la acima de tudo, aceitando e desejando que seja Ele o centro do viver e do agir;

- assumir as consequências do dom da liberdade, não fechando o coração ao falar de Deus, que continua a acontecer no meu quotidiano;

- e no meio das minhas preocupações, discernir quais as prioritárias que se possam dizer «as coisas do Senhor» (S. Paulo).

O Prior - P. Abílio Cardoso

CELEBRAR A FÉ EM CASA PELA TELEVISÃO OU ONLINE

Transmissões de Eucaristias
IGREJA MATRIZ DE BARCELOS: Pelo **Televisão:** Ao domingo, na RTP1 às 10h30 e outra na TVI às 11.00. facebook da Paróquia às 11.00 (domingo) TV Canção Nova: Todos os dias às 10h59. e 19.00 (segunda a sábado) Ao domingo, em directo do Vaticano, às 9.00. Canal Canção Nova está disponível: YouTube da Arquidiocese, todos os dias, da • MEO: canal 182; • NOS: canal 186; • Sé Catedral: 17.30 (seg. a sáb.) e 11.30 (dom). Vodafone: canal 187; • Nowo: canal 145.

Arquidiocese de Braga: No Facebook e 9.00. Canal Canção Nova está disponível: YouTube da Arquidiocese, todos os dias, da • MEO: canal 182; • NOS: canal 186; • Sé Catedral: 17.30 (seg. a sáb.) e 11.30 (dom). Vodafone: canal 187; • Nowo: canal 145.

Santuário de Fátima: Diariamente três missas - às 11h, 12h30 e 15 horas - a partir da Basílica: www.fatima.pt, Face- book e YouTube do Santuário, e ainda o terço das 18.30 é transmitido pela RE-MEOkanal, posição 707070. **Recitação do Terço:** Segunda a Sexta - em directo da Capelinha das Aparições, book e YouTube do Santuário, e ainda o terço das 18.30 é transmitido pela RE-nascença.

JMJ 2023



“Há Pressa no AR” é o título do hino oficial da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, apresentado na manhã de ontem pela organização daquele que é o maior evento da Igreja Católica dedicado à juventude. Um tema inspirado na passagem bíblica escolhida pelo Papa para a JMJ, “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc1,39) –, ou seja, no ‘sim’ de Maria e da sua pressa para ir ao encontro da prima Isabel. «Ao cantar este hino, os jovens de todo o mundo são convidados a identificarem-se com Maria, dispondo-se ao serviço, à missão e à transformação do mundo», diz a organização da JMJ 2023, acrescentando que a letra evoca também a «festa da JMJ e a alegria centrada na relação com Deus».

“Há Pressa no Ar” tem letra de João Paulo Vaz, sacerdote, e música de Pedro Ferreira, professor e músico, ambos da diocese de Coimbra. Os arranjos são do músico Carlos Garcia. O tema foi gravado numa versão em português e numa versão internacional, com cinco idiomas (português, inglês, espanhol, francês e italiano). Segundo a organização da JMJ 2023, o processo de produção em estúdio, realizado em 2020, envolveu jovens de todo o país, alguns dos quais participantes na competição que, apesar de não terem sido selecionados, integraram o coro da gravação final. Os autores explicam que a melodia nasceu primeiro do que a letra. Jovens, Barcelos quer ver-vos na linha da frente na caminhada para 2023 em Lisboa. Vale apenas apreciar texto e música: <https://www.youtube.com/watch?v=H1x2t2Estll>

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
IV DOMINGO DO TEMPO COMUM

**Se hoje ouvirdes a voz do Senhor,
não fecheis os vossos corações**

SEGUNDA, 1 – Leituras: Hebr 11, 32-40
Mc 5, 1-20

19.00 (Matriz):
- Pelas almas do Purgatório
- Carlos Alberto Fonseca Meneses (30º dia)

TERÇA, 2 – APRESENTAÇÃO DO SENHOR

Leituras: Mal 3, 1-4
Lc 2, 22-40

19.00 (Matriz): Bênção das velas e Missa
- Feliciano Costa Andrade
- Manuel da Graça Gonçalves Pereira

QUARTA, 3 – S. BRÁS E S. ANSCÁRIO

Leituras: Hebr 12, 4-7. 11-15
Mc 6, 1-6

19.00 (Matriz):
- António Pereira
- Pelas Almas do Purgatório
- Maria Luísa de Sousa Nunes e familiares

QUINTA, 4 – S. JOÃO DE BRITO

Leituras: Hebr 12, 18-19. 21-24
Mc 6, 7-13

19.00 (Matriz):
- Delfina Coelho da Silva e marido
- José Narciso da Costa Alves e sogros
- Agostinho Fernandes Rodrigues

SEXTA, 5 – S. ÁGUEDA

Leituras: Hebr 13, 1-8
Mc 6, 14-29

19.00 (Matriz):
- Henrique Sousa
- Dra. Clementina Rosa Rego Graça Esteves

SÁBADO, 6 – SS. PAULO MIKI E COMPANHEIROS

Leituras: Hebr 13, 15-17. 20-21
Mc 6, 30-34

19.00 (Matriz):
- José Jesus Vilas Boas (1º aniv.)
- Rui Nuno Silva Loureiro
- Vilma Novais Vilas Boas
- Bernardino Pereira da Costa e família
- Marco Paulo Ferreira Alves de Faria (30º dia)
- Amélia Alda Amaral Neiva
- Maria Teresa Lopes Anjo
- Manuel Vieira Antunes (100º aniv. nascimento)

DOMINGO, 7 – V DO TEMPO COMUM

Leituras: Job 7, 1-4. 6-7
1 Cor 9, 16-19. 22-23
Mc 1, 29-39

11.00 (Matriz):
- Marco Paulo Alves Ferreira Faria
- Pelo povo
- Irmãos da Real Irmandade
- Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Conf. Santíssimo Sacramento



A «LOGO-ESCUA» (OU O PADRÃO SAMUEL DA PASTORAL)

1. Que podemos fazer nestes tempos em que muito não pode ser feito? Que pode ser realizado numa altura em que – inopinadamente – qualquer actividade corre o risco de ser desmarcada?

2. Em todo o real, avulta um sentido providencial. A pandemia também pode ser vista como um significativo com um poderoso significado. Talvez possamos fazer o que (por muitos) ainda não foi feito. Para um crente, a escuta é essencial. Sem escuta, tudo corre o risco de ser superficial.

3. Dá, por vezes, a sensação de que somos uma Igreja voluntariosa, mas pouco atenta. É bom não esquecer que o Cristianismo é a religião do Verbo, do Verbo que Se faz vida (cf. Jo 1, 14). Que tempo dedicamos à escuta do Verbo, ao acolhimento da Palavra, ou seja, à «logo-escuta»?

4. Curiosamente, já o Antigo Testamento apresenta um perfil modelar desta «logo-escuta». Ela é protagonizada sobretudo por Samuel, o juiz mais célebre de Israel. Toda a sua missão está alavancada na «logo-escuta»: «Falai, Senhor, que o Vosso servo escuta» (1Sam 3, 9).

5. Com esta sucessão de «recolher obrigatório», não haverá um apelo a um maior «recolhimento»? Há muita coisa que pode valer, mesmo naquilo que mais nos faz doer.

6. Como pode falar de Deus quem não está habituado a escutar Deus? Como pode fazer a vontade de Deus quem não conhece a vontade de Deus? Note-se que a

missão de Samuel nasce da oração de Samuel, da escuta de Samuel.

7. É curioso que os nossos lábios até repetem muitas vezes «seja feita a Vossa vontade» (Mt 6, 10). Mas até que ponto nos disponibilizamos como o salmista: «Aqui estou, Senhor, para fazer a Vossa vontade» (Sal 40, 7)? Será que não existirá um excesso de «palavra proferida» e um défice de «palavra acolhida»?

8. Deus, em Si mesmo, é um mistério de presença, de comunicação e de encontro. Sucede que nem sempre estamos em nós quando Deus vem até nós. Ou talvez estejamos demasiado em nós quando Ele vem até nós. Paradoxalmente, Deus fala, quase sempre, em silêncio. Pelo que só em silêncio poderemos escutá-Lo. O problema não é, pois, Deus ser silencioso. O problema é Deus estar a ser (por nós) silenciado.

9. Deus vem quando estamos acordados e vem – ainda mais – para nos acordar quando, como sucedeu a Samuel, «adormecemos» (cf. 1Sam 5, 3). Deus é o despertador da sonolência em que, tantas vezes, nos deixamos cair. Quando procuramos Deus, verificamos que já Deus nos tinha procurado.

10. Quando vamos ao encontro de Deus, notamos que já Deus nos tinha encontrado. Enfim, não é apenas o homem que se torna peregrino de Deus. Deus também Se torna peregrino do homem!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 26.01.2021

FORMAÇÃO PARA CONSELHOS ECONÓMICOS

O convite vem do Senhor Arcebispo: «Este ano, por causa da situação de pandemia e de confinamento, acontecerá em formato digital». Será no dia 13 de Fevereiro, com início às 14h30 e com fim previsto para as 16h00. Será feito através do canal Youtube da Arquidiocese de Braga, numa transmissão privada, e com possibilidade de serem formuladas perguntas.

HINO OFICIAL DA JMJ LISBOA 2023

**1. De todo o mundo para este lugar,
Partimos, voámos, chegámos aqui.
Com Maria, ensaiamos um sim.
Queremos servir, fazer a vontade
Do Pai, nosso Pai.
Chamados a ser com Cristo Jesus,
Queremos dar, queremos estar,
Dispostos ao sim, fazer como a Mãe.**

Refrão:
Todos vão ouvir a nossa voz,
Levantemos braços, há pressa no ar.
Jesus vive e não nos deixa sós:
Não mais deixaremos de amar.

**2. Tu que andas à procura de ti
Parte à descoberta, vem ver o que eu vi.
Vem connosco, vem olhar para além
Daquilo que fazes e que não te deixa
Sorrir e amar.
Não olhes para trás, não digas que não.
Ouve o teu coração,
E parte, sem medo, nesta missão.**

Refrão

**3. Foi Maria quem primeiro acolheu
A grande surpresa da vida sem fim.
Confiante e simples, quis receber
Tão grande mistério de um Deus que é
p'ra sempre / Por ti e por mim.
Não posso calar, não posso deixar
De dizer: "Meu Senhor,
Conta comigo, não mais calarei!"**

Refrão

**4. Sem ter dúvidas da sua missão,
Maria, tão jovem, depressa deixou
Sua casa e p'la montanha subiu,
P'ra ver Isabel e logo encontrou
Saudação, comunhão.
O fruto é bendito, é o meu Senhor!
E eu também quero ouvir:
"Porque acreditaste, para sempre és feliz!"**

Refrão

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Anónimo – 10,00
- Família n.º 296 – 10,00
- Família n.º 44 – 20,00

TOTAL DA SEMANA – 40,00 euros

A transportar: 24.280,55 euros
Despesas até agora: 32.019,80 euros

O PARADOXO DO ATEÍSMO E A PALAVRA DEUS

É preciso para o ateu, se quer ser coerente, abandonar os dois últimos deuses nos quais ele se refugia: o próprio ateísmo e o culto a si próprio. Porque ambos não são ateísmo, são idolatria

"Sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar". É assim que o filósofo Wittgenstein conclui a respeito do limite da linguagem quando aplicada àquilo para o que, segundo ele, a linguagem é inadequada: em especial, quando aplicada a Deus. Deus está além das possibilidades da linguagem humana, dizia este filósofo. Deus seria palavra proibida, melhor não usá-la. Mergulhando na vertente da filosofia analítica anglo-saxã, Wittgenstein colocou Deus, para o ser humano, na categoria daquilo que é indizível. E silenciou a muitos. Falar de Deus parece agora uma capitulação, parece a atitude de quem se rende perante o irracional e capitula da ciência. Muitos realmente acreditam que falar de Deus é de muito mau gosto. Melhor silenciar sobre Deus, pensam. Deus seria, como estes filósofos convenceram a tantos, aquilo que impediria o homem de ser autónomo. Uma criação de alguns mais espertos, para a dominação dos outros através dos mecanismos irracionais da religião. Assim, urge – pensam – banir a própria palavra "Deus". Mas será que existe, de fato, qualquer silêncio possível perante a questão que se coloca pela própria possibilidade de se pronunciar a palavra "Deus"? O escritor alemão Karl Rahner, S.J., nos lembra da impossibilidade de sequer mencionar o ateísmo sem usar a palavra Deus. A palavra "Deus" está, aliás, incrustada na própria palavra "ateu". Diz Rahner: "A palavra 'Deus' existe. Voltamos ao ponto de partida da nossa reflexão, ou seja, ao simples fato de no mundo das palavras, pelas quais construímos nosso mundo e sem as quais mesmo os assim chamados 'fatos' não existem para nós, ocorre também a palavra 'Deus'. Mesmo para o ateu, mesmo para o que declara que Deus está morto, mesmo para eles, como vimos, Deus existe pelo menos como o que eles julgam dever declarar morto e cujo espantinho precisam exorcizar, como aquele cujo retorno temem. Somente quando já não existisse a palavra mesma, ou seja, quando nem sequer se houvesse de colocar a questão acerca dela, somente então é que poderíamos ter sossego quanto a ela. Mas esta palavra continua a existir, tem presente. Terá também futuro? Já Marx pensou que inclusive o ateísmo viria a desaparecer, ou seja, que a própria palavra 'Deus' – em chave afirmativa ou negativa – deixaria de existir. É pensável este futuro da palavra Deus?" Ou seja, a própria existência do vocábulo "Deus" põe ao ser humano um desafio, que está no limite da sua capacidade de falar. Mas é incontornável. Na verdade, se as toupeiras pudessem falar, certamente não teriam uma palavra para "luz" – mas tampouco teriam necessidade dela, e viveriam para sempre bem felizes em seus buracos obscuros. No dicionário de verdadeiras toupeiras tampouco haveria um vocábulo para a "negação da luz", algo como "alumismo", porque se não houvesse sequer a possibilidade, para as toupeiras, de pensar na luz, tampouco haveria a necessidade de negá-la. A palavra "luz" não faria falta num mundo de toupeiras, e o conceito de "alumismo" tampouco. Mas não ocorre assim com a palavra "Deus" no mundo humano. Se esta palavra não existisse, o homem não mais seria colocado diante do todo uno da realidade como tal nem diante do todo uno de sua existência como tal. Pois é exatamente isto que faz a palavra "Deus" e somente ela, como quer que soe foneticamente ou como quer que esteja determinada em sua origem. Karl Rahner nos lembra que "Se realmente não existisse a palavra 'Deus', também essas duas coisas não mais existiriam: o todo uno da realidade como tal e o todo uno da existência humana como tal na mútua penetração dos dois aspectos". O próprio ser humano, como tal, destruir-se-ia, ao desaparecer a interpelação que a simples palavra "Deus" nos provoca. Se o intento do ateísmo, de banir a própria menção a Deus, se concretizasse, o próprio ateísmo seria banido. As consequências seriam aquelas lembradas pelo próprio Rahner:

"O homem teria esquecido o todo e seu fundamento, e ao mesmo tempo teria esquecido, se é que ainda se poderia falar assim, que se esqueceu. Que seria então? Só poderíamos dizer: ele deixaria de ser homem. Ter-se-ia reduzido a um animal engenhoso. (...) Só podemos dizer que existe homem quando um ser vivo, pensando, usando da palavra e agindo livremente, confronta-se com a totalidade do mundo e da existência como pergunta e problema, mesmo que, ao fazê-lo, possa vir a se manter mudo e desconcertado perante esta pergunta sobre a unidade e a totalidade. Talvez seria até mesmo pensável – e quem poderia saber disso com certeza? – a possibilidade de o género humano, mesmo mantendo uma sobrevivência biológica e técnico-racional, vir a morrer de morte coletiva e voltar ao estado de térmitas ou a uma colónia de animais incrivelmente engenhosos. (...) O homem existe propriamente como homem somente quando diz 'Deus' pelo menos como pergunta, pelo menos na forma de pergunta a que se responde negativamente. A morte absoluta da palavra 'Deus', morte que apagas-se até mesmo o seu passado, seria o sinal não mais ouvido por ninguém de que o homem mesmo morreu."

É impossível, portanto, para o ser humano, mencionar de qualquer forma o ateísmo sem reafirmar Deus... Curioso impasse, curioso paradoxo! A solução seria então calar sobre Deus, como quer Wittgenstein? (Continua no próximo número).

Por Paulo Vasconcelos Jacobina, In Zenit.org, 08 de Outubro de 2014